

O quê que é? Volta à pergunta, pra eu responder direito.

A pergunta é assim: cronologicamente, qual foi o seu primeiro contato com essa coisa do reconhecimento público, como foi sua primeira experiência com “ser famoso?”.

Aí vou te dizer logo os dois. O primeiro foi o meio “boom” underground do teatro, que era o “Bar Doce Bar”¹. Ficou um ano em cartaz, 1982 e eu tinha 22 anos. Era muito chique, num instante: os artistas famosos iam nos ver. Então isso atraía o público a assistir de uma outra maneira, né? até quando não estavam em cena, uma experiência do reconhecimento. Mas o aspecto underground dava uma coisa diferente, dava uma intimidade que não era a intimidade que a televisão dá, de entrar na casa da pessoa, né? A pessoa vai lá no teatro e vê. E até hoje em dia as pessoas que viram o espetáculo naquela época, como eram muito jovens também, têm uma sensação muito grande. E quando me encontram é como se eu fosse assim, um ponto de referência: “naquela época, pô, vocês eram demais!” e não sei quê... E até, pensando, o espetáculo era muito ingênuo... E o que a gente respondia era sempre isso mesmo: “ele é muito ingênuo, estamos experimentando, tateando”, coisas que eram muito profundas, mas que eram um começo de serviço: contato com a platéia, “quarta parede”, que são coisas complicadas para a história do teatro, mas que fazíamos de farra. [Tempo] há pouco tempo encontrei um rapaz em Botafogo que veio em minha direção... E ele falou: de uma maneira informal, porque que vai direto ao coração da pessoa, vai na memória afetiva. Ele falou: “poxa, passei tanto tempo fora...” Parecia a conversa de dois caras, na rua, como se fossem conhecidos, mas que não se conhecem: “tanto tempo fora, eu lembro daquilo, esse tempo todo eu fiquei fora, o que é que tá acontecendo [no teatro]?”. Como se fosse um amigo, uma pessoa legal. E eu não sabia o que era, aí voltando pra experiência da fama e pegando mais pra qualquer pessoa e em qualquer lugar do país, a televisão, eu não sabia o que significava isso, achava...

Só arrumando um pouquinho... Você fez Bar Doce Bar em 82, depois foi C de Canastra?

Depois do “Bar Doce Bar” nós fizemos “A Porta” em 1983 e “C de Canastra”, em 1985...

Acho que foi o 1º que eu vi. E aí você já fez televisão logo, nessa época?

Não, não. Eu fiz até um comercial que era muito conhecido, em 82, mas... Todo mundo esqueceu rápido. Em 1986 fiz o “Bar Doce Bar” na TV², mas não foi bom. Não dava a menor onda... A gente ficou triste. [Tempo] eu achava engraçado as pessoas serem reconhecidas e não imaginava como era essa vida não. Eu já era o “rei da cocada preta” sem ter precisado ir lá [na fama nacional]. As pessoas vinham a mim, as pessoas famosas. E aí, quando entrei lá dentro da televisão pra fazer uma telenovela em 88 que era “Bebê a Bordo”³... Era muito trabalhoso! Eu estava num lugar que era muito trabalhoso, começo de

¹ Espetáculo teatral, de autoria de Felipe Pinheiro e Pedro Cardoso, estreado no Teatro Candido Mendes, em Ipanema / RJ, no ano de 1982.

² Especial da Tv Globo, escrito e dirigido por Felipe Pinheiro e Pedro Cardoso, com direção geral de Roberto Talma; dentro da série Teletema.

³ Novela de Carlos Lombardi, dirigida por Roberto Talma. Tv Globo, 1988.

novela então, eu não tinha a menor noção do que era isso, ficava ali, o dia inteiro, você sai e não tem a menor idéia do que está acontecendo lá fora, no mundo. E as histórias eram assim, tipo a Dina⁴ dizendo: “quando eu estava no ar há dois anos atrás, imagine só, eu estava no ar e fui na...” Essa história é muito boa até, vou contar, ela dizendo “eu estava no ar com [a telenovela] Eu Prometo, e fui na Estudantina⁵, gente!”. Eu achava aquilo... “Estar no ar”, ir na Estudantina... Ou “não estar no ar” ... Ela estava no ar, foi dançar com um cara de gafeira, “o cara dançava bem pra burro, eu dancei bem pra burro porque ele me guiava... aí ele olhou pra minha cara e disse: você é você mesmo ou você é quem eu estou pensando? Eu falei: eu sou eu mesma. E ele: ah, então tá bom!”. É uma história formidável! E dançaram pra burro e o cara não encheu o saco. Eu achei aquilo estranhíssimo, não me ocorreu “picolé” disso, não deu nenhuma onda. Até que um mês depois de a novela estar no ar e ter coisas acontecendo, eu vi que era assim: até tipos de fenômenos diferentes, por exemplo, a pessoa que é conhecida como A Dina Sfat ou O Paulo José⁶, ou A Joana Fomm⁷. Ela é conhecida pelo nome. Quando não é, é um ator que não apareceu na televisão e aparece com um personagem, ele é o personagem. E às vezes imprime muito o personagem. Como eu era, no meio na novela, um padre, os meninos do sinal pediam benção. No começo dava aflição, mas depois dava benção, né? E tudo bem, vai embora! Então, neste caso do ator desconhecido, fica uma coisa muito mais... Pode mandar carga pesada nele, porque é desconhecido ou então é assim uma coisa... É, então “é o padre”! Então gritam alto, como criança, né. Então você vê, quando desfaz a novela, tem seis meses, a diferença que faz mesmo: não está no ar! Porque antes está todo dia, né? Então, há um esquecimento. E até quem fica muito com essa experiência da fama, precisa muito, quem trabalha só na televisão, fica meio ressabiado quando não é reconhecido, porque é tão habitual que, quando está no período de não estar no ar e não é reconhecido, é como “pô, esqueceram de mim, chato paca”. Eu já vi gente com essa sensação. E dá mesmo, depois de seis meses... tem a coisa terrivelmente chata que é, por exemplo, a feira que você gosta, as coisas que você gosta, eu sou voyeur, eu só ao contrário, gosto de escrever também, tenho essa experiência de ficar olhando as pessoas, e eu não podia mais olhar, eu era olhado.

Isso é uma das coisas que mais me interessa da experiência da fama: o que esse “ser olhado”, que sensação é essa: andar na rua e saber que as pessoas estão olhando para você?

Pra mim é desconcertante, pra quem é voyeur é absolutamente desconcertante. Porque eu olho muito e, de repente, eu sei que eu estou sendo e eu estou sendo olhado no meu comportamento. E às vezes até tem uma necessidade de dar bom exemplo. Por exemplo, voltei a ser olhado agora por causa da reprise da novela “Vamp”.⁸ E as crianças adoaram essa novela. Todo mundo via, as crianças viam, era tempo de férias. E eu nado todo dia. Então vira um foco de atenção: “Como é que ele nada?” e tal. Eu nado legal, mas comecei a nadar mais corretamente quando estava perto das crianças. Uma coisa mesmo “caxias”. E até o instrutor começou a me bajular também, porque ele via que era um prestígio para ele

⁴ Dina Sfat, atriz de teatro, cinema e televisão.

⁵ Casa noturna localizada na Praça Tiradentes.

⁶ Paulo José, ator e diretor de teatro.

⁷ Joana Fomm, atriz de teatro, televisão e cinema.

⁸ Novela de Antonio Calmon, com direção de Jorge Fernando. Tv Globo, 1991.

também. Eu adoro nadar e ele era meu amigo antes, a gente conversava assim umas coisas tipo “eu era do Botafogo, tô vindo agora pro Flamengo...” Papo de piscina. Mas agora está até uma situação constrangedora. Como as crianças passaram a me chamar pelo nome do personagem, ele me chama pelo nome do personagem porque esqueceu meu nome. Porque eu também não sei o nome dele. O nome dele na piscina é Xuxa porque ele é louro. Eu sei que ele é Carlinhos, mas poderia ter esquecido... Porque o papo é muito furtivo... Aí um dia desses, tinha uma raia cheia de gente e ele colocou todo mundo mais colado em outra raia. Fez todo mundo sair e eu saí também. Mas ele disse: “não, isso é pra você”. Como eu sou muito míope... Devia estar todo mundo olhando puto pra mim, com toda razão. Aí eu fiz assim, um gesto de “eu tô fora”, pra ver se as pessoas entendiam. Mas voltando ao esquecimento: esquece mesmo em seis meses. E aí deve dar uma necessidade de... Ou em quem é muito jovem ou despreparado pra isso. Porque é muito mesmo, é em qualquer lugar, em qualquer lugar! Todo mundo vê televisão nesse país, muuito, imensamente.

Deixa eu fazer uma pergunta antes de você falar do assédio, que é importante também. Em várias entrevistas que eu fiz, quando eu fazia essa pergunta cronológica, quando é que a fama apareceu na vida da pessoa, espontaneamente, sem que eu sugerisse nada nesse sentido os entrevistados começaram a voltar para um período pré-fama de massa; então, faziam umas relações assim: “eu sempre fui famoso no colégio, eu sempre fui líder de turma, então essa experiência de agora é apenas uma experiência numa escala maior de algo que eu já tinha vivido antes”. Eu queria sua opinião sobre isso.

Não me ocorre nada nesse sentido... Espera! Eu até era muito reconhecido no colégio, como bagunceiro algumas vezes, outras “caxias”: no primário só tirei dez, essas coisas. Um tipo de pessoa muito específica: “aquele cara”, ou “daquela turma”. Mas não... Pra mim foi completamente diferente.

Por que você acha que tantos entrevistados mencionaram isso? Eu não sugeri essa comparação, entretanto três pessoas em quatro fizeram, espontaneamente. Aí eu fiquei achando que era uma experiência que, ordinariamente, as pessoas podem ter, só que ela é ampliada pelo trabalho na televisão. Mas, num outro dia, numa outra entrevista, eu sugeri isso ao entrevistado e ele me deu um esculacho, a pessoa disse que isso era um absurdo!

Ah, eu não daria o esculacho, eu acharia estranho. Pode ser que essas pessoas tenham incorporado isso. Mas eu não acho nem um pouco parecido. Acho radicalmente distinto. Na experiência do sucesso ou do reconhecimento no colégio, ou até no teatro, é uma experiência num grupo. Eu sou o líder de uma patota, daquele colégio, no máximo. Se eu vou pra praia em São Conrado, ninguém sabe quem eu sou. Mas se eu estou na praia do Leblon, onde eu nasci e pego jacaré, e sou bom nisso, todo mundo sabe que o cara pega jacaré bem. E eu era esse cara que pega jacaré bem. Mas no Leblon. No máximo na frente da casa do meu primo na Farme de Amoedo, em Ipanema, e todo mundo sabia: “é o primo do cara que mora ali”. Mas entrar num lugar e todo mundo saber, qualquer lugar? É muito impressionante! Você vai ao Recife e se vê na televisão... É muito estranho. Em Manaus? Não tem nada a ver com a minha casa, a minha vida, o meu mundo. E tem a ver com a vida dessa gente paca.

Uma experiência que qualquer pessoa tem é encontrar alguém que você conhece há muito tempo e ela um dia te diz: “Felipe, nunca te falei isso, mas você passou uma coisa triste, tem alguma coisa no seu jeito de olhar que é super triste”, por exemplo. Isso acontece com a gente de vez em quando, né, de uma pessoa dizer o que a gente transmite pra ela. Na experiência comum, quando alguém diz alguma coisa assim pra você, principalmente se é uma coisa inusitada que você não espera, é como surgisse um espelho na sua frente. E você pensa: o que eu fiz para transmitir essa imagem? E isso, eventualmente pode fazer com que você mude, se reveja. Na experiência da fama, vocês têm isso super ampliado, vocês têm mil espelhos. Isso provoca algum tipo de reflexão? “Porque de repente essa revista me pintou dessa maneira? Porque tal fã me escreveu dizendo que viu isso em mim”. Existe esse processo?

Existe, existe sim. Mas... Olha, como, de uma certa forma [meus papéis] eram cômicos, eu estava habituado a lidar com o assunto, o tema, em grande escala... Correndo atrás de coisas que... Esse embate que o Profe... Esse Vladimir⁹, agora, porreta, entre outros... É o palhaço, é o reflexo do bôbo; aí dá sim aflição: “pô, só vou fazer bôbo, os caras só vão me chamar pra fazer bôbo”. Mas, também, depois de ter uma segurança, em outro lugar eu posso não fazer bôbo, o outro lugar é meu, eu posso fazer romance, que é “Detalhes Tão Pequenos de Nós Dois”¹⁰, romanczinho, bacana, posso fazer de ator. Esse espelho não me... Eu sempre vi esse espelho com muita, muita distância, mesmo porque achava sempre: “pô, fiz aquele negócio na televisão, estava cansado pra burro...”, como tenho a outra experiência, a do “rei da cocada preta” no meu metier, as pessoas me reconhecerem lá dentro, o que era muito importante pra mim, os artistas... Eu pensava: “pô, fiz nas coxas, fiz a cara do Jerry Lewis, que eu sei fazer, o tonto, porque eu estava cansado porque estava há oito horas esperando, porque aquele lugar é chato pra caramba, mas também, eu preciso não me entregar e fazer o Jerry Lewis só porque estou cansado, posso fazer um pouquinho melhor, que coisa, sempre fazendo o muito tolo, porque é o que sai com mais facilidade porque é chato, é chato, é chato”, sempre uma reclamação, sempre mais o espelho nesse sentido assim e porque só me chamavam pra fazer palhaçada.

Quando você estava no ar, você recebia cartas?

Recebia e achava estranhíssimo.

Você lia?

Lia e devolvia [respondia]. Como eu era menos requisitado, porque tinha os galãs, jovens, os galãs, nas duas novelas que eu fiz. Eram poucas e eu respondia, de morrer de culpa de ter escrito... Eu via que era besteira, de menininha de doze anos, manda pra qualquer um e manda pra todos, mais ou menos no mesmo formato: “tenho acompanhado a sua carreira” e no final manda beijo, abraço, e “pode mandar uma foto?”. Eu me lembro de uma vez que eu mandei uma foto, era uma carta tão singela, tinha uma florzinha, eu vi que era uma garotinha bem bonitinha, tinha um negócio encantado que era cola com purpurina, sabe,

⁹ Vladimir: personagem de Felipe na novela (pesquisa) Ladslau???

¹⁰ Peça teatral escrita e dirigida por Felipe Pinheiro. Estreou no Rio de Janeiro, em 1992. No elenco Pedro Paulo Rangel e Tânia Alves.

fazendo desenho... Ela teve trabalho, fez pro 2º escalão, que eram os meus personagens, não fez pros galãs, teve trabalho; fiquei com dó, e era um trabalho dela, não tinha decalque, devia ter pouca grana, aí eu devolvi... Mas é estranho.

Você recebeu alguma resposta a essas devoluções?

Nunca. Eu acho até que pode ter assustado, ter recebido uma resposta. Tem gente que não... O próprio Leo, meu amigo, o Jaime, como foi muito requisitado pelas garotinhas de treze, quatorze, ele fez uma caixa-postal, que é pra fã de disco, tem o disquete-caixa-postal, e ele faz meio em série: um beijo, um abraço, um decalque, a própria gravadora arruma, ele gosta de fazer. (Tempo) Manda você, por favor, porque eu já entrei em três raciocínios sem fechar.

Você falou pra mim no telefone, que uma condição pra fazer a entrevista era que eu não dissesse que a fama não fazia parte do trabalho de ator

Não era isso...

Então fala disso, o quê que era?

A fama faz parte do trabalho do ator, o reconhecimento também, faz parte do contexto do acontecimento do ator, mas não faz parte do exercício do ofício do ator. O ofício do ator tem que ser outra coisa, tem que ser estudado. Porque se for descambar pra isso, passa por um outro exercício do ator que é de desinibição, de ser natural, de ser quase ele mesmo, que é um tipo de atuação burguesa, blá blá blá blá blá blá, empática com a platéia ou com qualquer tipo de público, que nunca vai ter a contradição do ponto completamente errado da personagem que o público não se identifique de forma alguma, vai ter sempre uma identificação: “ele era mal, mas ele tinha muito problema, a mãe era sempre muito ruim com ele” e tal, sempre dá uma “calçada” na personagem porque aí, mesmo sendo mal, induz a pessoa a compreender; mesmo por causa da nossa língua, né? “Representar”, você vem em nome de alguém, “estou representando não sei quem”, “venho em nome dele falar que...”, é como a minha Babá¹¹ fala: “isso não é papel que se faça, que papel é esse?”. É claro, as palavras ajudam muito, e as palavras outras, o “play” em inglês e “joyer” em francês, você “se faz de ator” e não “é ator”, ajuda a ter uma distância até desse drama burguês, dessa coisa toda, que eu acho que é a minha rixa nessa história de “fazer parte do ofício”. Isso não faz parte do meu ofício, de maneira alguma. Faz parte do meu ofício ler, atuar, conhecer, entreter, seja um entretenimento dramático ou cômico, não interessa.

Mas, ao mesmo tempo, não sendo da natureza do ofício de ator... Vamos fazer uma distinção entre o reconhecimento e a fama. O ator reconhecido sempre existiu, não precisa da comunicação de massa pra isso, o reconhecimento sempre tem havido; mas a fama não, a fama é uma coisa que depende da existência da comunicação de massa. Hoje ser ator, de certo modo, supõe você querer a fama, porque ela é o signo mais evidente do teu sucesso como ator, é diferente de outras profissões, em que você pode ser muito bem sucedido e jamais ser famoso, ser ator supõe ser famoso mesmo que

¹¹ Felipe refere-se a Babá (perguntar Teresa)

não seja um fim em si mesmo. Pra alguns atores, a fama é um mal necessário, vem junto com seu sucesso profissional mas não é uma coisa agradável, apesar de você ter que lidar, outros curtem mais facilmente, isso é de cada um. Fala sobre essa coisa do assédio, quando você fazia novela.

Eu comecei a falar, vamos ver se eu consigo concluir alguma idéia. A história de virar “o olhado” e não poder mais olhar foi uma coisa que eu achei terrível, não poder mais bisbilhotar, e eu sou um bisbilhoteiro por natureza, de sentar em restaurante e olhar ou, então, ficar de lado e escutar uma conversa boa, uma conversa de praia, deitar na areia e ficar ali escutando, e eu sentia o contrário: eu deitava e era aquele silêncio, qualquer coisa que eu falasse entrava no computador dos outros, chato! Aquela coisa que eu te falei, pra mim foi isso assim: de dia é ruim, de noite é bom. Traz facilidades à noite e dificuldades de dia. À noite é uma turma mais, não sei como qualificar, mais boêmia talvez, menos à luz do dia, menos em evidência no sentido varejão: se você vai ao restaurante à noite, é um tipo de gente, se você vai na praia é todo tipo, qualquer um, vai do neguinho ao gordão que fala: “vai lá meu filho e pega logo uns três autógrafos: pra sua tia, pra você e pra sua prima”. Já aconteceu isso várias vezes, e eu fiquei puto. E de noite, ao contrário, nos lugares legais, é até legal você ser visto, com uma roupa bonita, sei lá, o que é muito raro (risos), um passe valorizado, né?

Já aconteceu de, por conta desse reconhecimento, te oferecerem um privilégio por exemplo, na fila de um banco?

Eu acabei de falar um, lá em cima, né? Aconteceu muito, e ao contrário também. É como CDF, na escola, né? Tem privilégios ou... “Ah, não! Só porque é artista?”, e você está lá direitinho, igual a todo mundo... Se você está assim, né? Às vezes você não está. Às vezes você está a fim de dar uma burlada mesmo e acaba conseguindo, normalmente até consegue, se não é muito difícil a situação, até consegue, pegar o tal de artista e “já que eu estou na fila desse banco e tá todo mundo me olhando, que preste pra alguma coisa!” Porque ficar na fila, todo mundo olhando pra você é chato pra cachorro. À noite é bom, não sei explicar isso. É completamente pré-verbal, como para Tom Jobim; “o que é o Rio de Janeiro pra você?”, “É mar, é pedra...”, não tem verbo, não sei como explicar isso. É divertido.

Você alguma vez foi convidado pra esse mercado paralelo de bailes, apresentações em boates, etc?

Quase, mas eu fiz uma tromba! Porque, como eu não era o galã... Então, o departamento de elenco tem um cara que tem um jabá: “olha, tem um jabá...” e eu arrumei uma tromba... Até porque eu sabia que era 2º escalão, que deve ser pior, muito mais maltratado. Se o outro, o galã, é pego como varejão, imagina... Eu sabia qual era o tope do meu personagem, então devia ser péssimo, teria sido uma experiência horrível. Se não é o rei da cocada preta, se não é o Toni Ramos, né.... Que é o que as pessoas estão esperando, o tope, e vem um “como é que é o nome do cara?”. Deve ser ruim, não deve valer muito o preço, deve ser um preço barato. Eu empinei logo uma tromba. (tempo) Não sei, não tenho nada a declarar sobre isso, um jabá, né? Tem mercado pra isso, nem sei como é que acontece, não sei o que passa pela cabeça das pessoas nesse momento. Tem uma outra história... Eu filmei com a

Dina Sfat¹², e tem uma outra história da Dina sensacional, da época em que ela e o Paulo José estavam casados, eles eram o casal 20, lindos, tudo legal, cheio de filhas, uns 15 anos de casados, estabilidade, tudo era bacana, os dois faziam sucesso, o Paulo tinha um programa pra criança, a Dina fazia a novela das dez, e eram chamados pra dançar no baile e faziam contrato assim: não dançavam com ninguém! E os dois ficavam namorando.

Voltando um pouco para as cartas, tem alguma carta que tenha se destacado, que tenha impressionado mais?

Não, nunca apareceu uma barra pesada, viu. Foi tudo bonitinho.

Eu queria que você falasse um pouco mais dessa coisa do assédio. A Karina¹³ me contou uma história de que uma vez, no shopping, as pessoas começaram a te perseguir...

A mim e a ela, né? A gente estava com compras, era Natal. Eu não tinha noção do que era isso. Era a novela “Bebê a Bordo”. Eu tinha parado de gravar, mas estava no ar. Foi uma correria, como se tivesse soado um alarme de “pode!”, e fosse se expandindo: “pode, pode, pode”, as pessoas se dando liberdade mesmo, eu tive que entrar no banheiro pra fugir, porque só tem menina, então o negócio é entrar no banheiro, foi até uma idéia da Karina. Entrei e fiquei lá, um tempo. Aí começaram a cercar a ela: “quem é você? Faz o quê? É o que dele?”. Era uma coisa desagradável, foi uma história chata, pra gente foi uma surpresa, fazendo altas compras de Natal, era um momento de grana, passar na loja tal, era trabalho mesmo: fazer Natal!

E aí a sensação é de que? Irrita?

É a pior do mundo, sensação até de desamparo, porque a própria segurança do shopping achava graça, porque acha que você está curtindo, não sei se tem gente que curte, mas, por mais que eu fizesse cara de que não estava curtindo e de receio e ódio, não importava, gente que estava percebendo, não dava a menor bola, o menor tipo de assistência, até no olhar: tô contigo. E você fodido, “pelo amor de Deus, eu só quero ir embora, me deixa sair daqui!”. E eu olhava pra cara do segurança e ele ria. E eu reclamava muito então, fica mais difícil, porque a pessoa não consegue me pegar.

As pessoas que estavam mais próximas de você, elas estavam apenas te olhando ou elas queriam falar com você?

Elas queriam segurar, queriam pedir autógrafos.

Algumas pessoas falaram nas entrevistas que tem uma coisa super desagradável que é: você está andando na rua e, de repente, vem uma mão e aperta sua bochecha, por exemplo. É uma coisa fisicamente desagradável? Como é?

¹² Referência ao filme “Antonio José da Silva – o Judeu”, do diretor Jom Tob Azulay, 1987.

¹³ Karina Kuschnir foi casada com Felipe Pinheiro.

Muito desagradável, é uma confiança, uma permissão que eu dou a... Sei lá, a dez pessoas. Isso já aconteceu sim. Contando com pai, mãe e irmão, isso é uma coisa que uns 12 podem fazer, né? Ontem, um jornalista, uma situação absurda, o cara me pedindo uma coisa séria, uma resenha de um livro, eu disse “olha, resenha não faço, que ponha um nome internacional: leitor público. Mas até me interessa”. Um livro do Jorge Simenon¹⁴, a biografia, da Cia. Das Letras, faço pô! O cara com 84 anos dizendo que deu cinco sem sair de cima, todo mundo dizendo que era sacanagem do velho, e era! Engraçado pra burro, o cara. Faço com o maior prazer. E estava assim, retilíneo, combinando: “então você deixa o livro aqui, no Jardim Botânico, em frente ao Parque Laje¹⁵”, não sei que jeito que eu falei que era, talvez, gozado, que o cara “Ahhh Ahhh, engraçado aquele comercial, né?”, e eu “é, não tenho visto todos, qual você viu?”, você via que era um garoto, da PUC¹⁶ para O Globo, não era o Trigo¹⁷ que estava falando comigo, era um daqueles meninos que tinham chegado lá. “Ahhh, engraçado aquele comercial cara!”, quer dizer, o assunto era outro, um livro, eu dizendo pra ele “não vou fazer resenha, acho picaretagem do jornal, tem que chamar uma pessoa de literatura, isso é pra me seduzir e pra ser baratinho, porque a pessoa de literatura vai fazer uma tromba, vai pedir mais caro, ou então vai pedir pra ser diferente, o modelo. Tô sabendo o que você está querendo, cara. Vamos ver se a gente entra num acordo”.

Acho que tem uma certa inconsciência da pessoa porque, por exemplo, ela conhece você e às vezes não se dá conta de que o reverso não é verdade...

“Ela conhece você”, é uma coisa que eu vi no Fagundes¹⁸ de uma maneira muito... É diferente do ritual do teatro e até mesmo do cinema, se houvesse um cinema forte que fizesse a gente dizer “só faço cinema”, “o pessoal do cinema”, se tivéssemos os atores de cinema, como os americanos, mesmo os franceses ou os ingleses, sei lá, que tem esse departamento “eu faço cinema, não gosto de fazer teatro”, você vai no ritual, né?. Em casa não, você às vezes está pelado, é uma situação que o cara está lá, atuando pra você e você está lá fazendo sei lá o que, você está trepando! Você pode estar! A televisão tá ligada! E o cara tá lá... Então é muito íntimo mesmo, é contato físico mesmo, por mais louco que seja essa situação e não seja o contato físico do teatro. Mas você está do jeito que você quiser, é sua casa, seu castelo, você faz o que você quiser, você pode ficar jogando bolinha no ator!

Cria uma ilusão de familiaridade. Uma atriz me contou uma história engraçada que aconteceu com ela, de um sujeito que encontrou com ela na rua e colocou o dedo na cara dela e disse: “estou muito aborrecido com você porque eu sempre quis conhecer você e outro dia nós nos cruzamos na rua e eu cumprimentei você e você virou a cara pra mim”. Já te aconteceu uma coisa assim?

¹⁴ “O Homem que não era Magret”, biografia do autor belga Georges Simenon, escrita por Patrick Marnham e traduzida por Marcos Santarrita para a Cia. Das Letras, 1993. Felipe Pinheiro escreveu artigo intitulado “Simenon por um leitor curioso”, publicado no Jornal O Globo no dia 09/05/93.

¹⁵ Na época da entrevista e do artigo, Felipe Pinheiro morava na rua Jardim Botânico, em frente ao Parque Laje, no bairro do Jardim Botânico, Rio de Janeiro.

¹⁶ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

¹⁷ **TRIGO PESQUISAR!!!!!!!!!!**

¹⁸ Antonio Fagundes, ator.

Já, assim: “que história é essa? Tô querendo falar com você (risos) eu lembro quando você morava na rua”. Essas pessoas se dão uma permissão imensa.

Uma vez eu estava olhando vitrine no shopping, distraída, e vinha a Jaqueline Laurence¹⁹ e quando nós nos cruzamos eu a cumprimentei, aquela coisa assim de familiaridade, “eu sei quem ela é”. Como eu sou uma pessoa relativamente equilibrada, eu não fiquei aborrecida por ela não ter retribuído o cumprimento, porque eu me dei conta que a relação era assimétrica, eu sabia quem ela era, mas... Então eu fiquei pensando que, na verdade, esse tipo de experiência não é apenas a experiência do “fã louco”, é uma coisa que qualquer pessoa está sujeita. A diferença básica entre esse fato, de eu ter cumprimentado a Jaqueline Laurence e “o fã louco” é que eu tenho mais senso crítico, talvez, e me dei conta imediatamente que a Jaqueline não era obrigada a me cumprimentar, que eu não tinha que ficar aborrecida por causa disso porque era assimétrico.

É diferente. Eu acho que é diferente. Uma coisa é você passar por um déjà-vu e acontecer uma distração e a pessoa sabe, depois de um tempo. Ela provavelmente devia estar cansada, porque normalmente, abana “Tudo bem?”, “Tudo bem!”. E outra coisa é se dar permissão de dizer “eu quero saber uma coisa com você” ou “eu quero uma coisa sua”. E aí, esse tipo de convívio, eu acho até que tem que ter e relaxar. E eu até descobri isso muito depois, tem que responder! Quando é gente com cara de legal e que fica perdido mesmo, que viu várias vezes a sua imagem entrar dentro de casa e tomou um susto! Eu, que sou muito distraído e não sei nunca o nome de ninguém, sei qual é a aflição que a pessoa está tendo. Você fica lá, batendo, batendo, batendo, batendo, na TV e, de repente, num hotel a pessoa cruza, eu viajei muito ano passado e ficava em hotel, a pessoa olha pra você e eu dizia “não é nada não, foi a televisão”, aí todo mundo fica tranqüilo.

Quer dizer que isso não aborrece?

Eu acho que tem o distraído mesmo, eu estou querendo te dizer isso. Tem a distração, de ser uma figura que você vê... Pode ser o Jack Nicholson²⁰, que tem aquela cara que você viu e viu tanto, que se não tivesse imprimido tanto, não teria tantas rugas pra você, ou tanta forma pra você, mas tem tanta forma que você manda “oi, como é que é?”. Uma coisa involuntária mesmo. O cara tem que saber qual o metier que ele está, né? É uma distração. A outra coisa é uma invasão de domicílio, é diferente.

Essa é a experiência de estar sempre diante da própria imagem.

É até uma forma de um ator, digamos inconsciente, tomar consciência de que isso é fundamental para a sua profissão, em qualquer momento que esteja, mesmo que esteja uma pessoa na platéia, se ver. Todos nós temos, atores ou não atores, essa imaginação de se ver, né? E até, por exemplo, se acha maluco quando fuma maconha e tá se vendo através do olho de outra pessoa, pela paranóia ou em vários outros momentos, mais especiais até. Mas no ator, é um momento especial realmente, ele tem que saber o que está projetando, esteja

¹⁹ Atriz de teatro e televisão.

²⁰ Ator norte-americano.

ele em qualquer lugar, “atuando, jogando, fazendo um jogo”, que seja pra um, pra vinte, pra um milhão, ele tem que ter essa noção. E até algumas pessoas tem através da platéia só e acham que parou aí. Quando é um adestramento mesmo que ele tem que ter. Se o comum tem, quer dizer, todo mundo tem em vários momentos e isso ajuda a capacidade humana de se desenvolver e é como ela se desenvolve de muitas formas, o ator tem que ser ver completamente! Se ele não disser pra ele mesmo o que é que ele está vendo... A coisa fica feia pra ele.

É diferente, em termos de televisão, né, por exemplo, no teatro esse “se ver”, a não ser que se grave em vídeo, passa pela imaginação treinada, em música tem uma coisa assim “o terceiro ouvido”, a capacidade de se ouvir enquanto toca; o ator de teatro, sem mediação do vídeo, tem que se imaginar, imaginar esse olhar do público. Na televisão não, você pode ver a imagem gravada, corrigir coisas que você não gosta, etc. Tem diferença pra você, entre se ver fazendo um personagem ou se ver, Felipe, fazendo comercial? Ou Felipe dando uma entrevista?

Em absoluto! Está jogando ou não está jogando.

Nos dois casos, são experiências que as pessoas normais não tem, normais que eu digo são as pessoas famosas. As pessoas não famosas não têm nunca este tipo de experiência, a gente tem sempre que imaginar o que o outro está vendo da gente. É raríssimo, para uma pessoa não famosa, se ver na televisão, no máximo ela se vê pulando atrás de uma câmera, respondendo ao que acha do preço da cebola, uma coisa muito brega assim. Para o ator, ao contrário, é uma experiência ordinária: ou você se vê dando uma entrevista, ou fazendo um personagem ou, essa coisa que talvez seja um pouco intermediária, você ator de comercial, que talvez seja um pouco no meio do caminho...

É um personagem. Estava escrito “marido”, eu fiz “marido”, fiz o papel do marido. Estava jogando, ali estava jogando. Acho uns bons, outros não, eu fui na edição, saiu mais ou menos²¹. Porque, também, o [Ortobom] tem trinta e dois segundos. Tem diferença. Acho até que pra quem chegou mais tarde ao sucesso (ao sucesso de ser conhecido, à fama, é o que eu quis dizer), já jogou tanto com esse instrumento, se teve uma oportunidade, de se ver e se achar e tal, que fica mesmo uma terceira pessoa. E, às vezes, quando é demais da conta, quando pegou ainda criança e virou uma entidade, só fala na terceira pessoa, o Pelé só fala na terceira pessoa, ele está dando uma entrevista “porque o Pelé faz isso, o Pelé faz aquilo”, habituou que existe uma entidade chamada “Pelé”, existe uma entidade chamada “Roberto Carlos” ... Eu lembrei do Nei Matogrosso²², ele começou a fazer muito sucesso, ser muito reconhecido, com trinta e dois, trinta e três, “Secos e Molhados”²³, não foi garotão, como Caetano²⁴, né, que foi mais garoto, vinte, vinte e dois, já tinha a imagem rolando, mesmo preta e branca, já era imagem. Era diferente, o Nei pega ônibus. E aí, de

²¹ Propaganda Unibanco????????

²² Cantor.

²³ Grupo musical brasileiro surgido no início da década de 70, do qual fez parte Nei Matogrosso antes de empreender carreira solo.

²⁴ Caetano Veloso, compositor e cantor.

tanto pegar ônibus, ele vende tanto quanto a Simone²⁵, mas a Simone não vai poder pegar ônibus jamais. Ela retraiu tudo, então, quando ela aparece é um souvenir pro público. O Nei anda na rua o dia inteiro, no Leblon, de sandália, e todo o Leblon já sabe... Então a comunidade ali já tá meio... Como o Paulo [José], tá ali no Leblon, naquela rua Carlos Góes, e antes com a Dina [Sfat] na rua João Lira²⁶, há vinte anos! Mesmo quarteirão, todo mundo sabe, virou muito vagabundo. Caetano vai ali no Balada²⁷, tomar um suco, desce de madrugada e pronto. Agora, se descer a Vera Fischer²⁸, que fica com medo, porque é gostosona, devem ter implicado com ela, fica um assédio forte. Esse fenômeno é engraçado. Eu vi isso com o Nei, e até ele comentou depois no programa do Jô Soares²⁹, “eu pego ônibus e neguinho toma um susto, ele não pode, não deve ser o Nei”!

Mas, diz uma coisa, você e o Pedro [Cardoso] deram uma entrevista no Jô Soares, não foi? Quando você se vê ali, não tem um personagem, ali é você mesmo, você conversando com o Jô. É diferente de quando você se vê numa novela. O que você observa quando você assiste a um vídeo da entrevista do Jô, ou quando você assiste a um vídeo da novela?

Pô, eu fico nervoso pra caramba. Na entrevista eu fui relaxando devagar porque era um jogo muito bom, fez-se um estado muito agradável, a entrevista fica imensa até por conta disso, como numa sala de visita, esqueceu-se que estava sendo televisionado, aquele “auditorinho”, você já está acostumado com um “publiquinho”, você fica fazendo uma certa palhaçada com o público, a gente acabou fazendo, é inevitável, estava tão perto da estréia³⁰ e isto estava tão presente, que ficou uma brincadeira com a platéia que estava ali. Agora, assistir depois... E até antes de entrar naquela situação do palco, pô, tô vazado... Se o cara disser... Sei lá, fizer uma pergunta doida que faz parte do metier dele, que é tirar a curiosidade do público entre outras coisas... Sei lá o que vai acontecer, é fechar o nariz, eu não sei qual o papel que eu vou fazer hoje, de Felipe Pinheiro. Mais ou menos, tem uma idéia, deve nadar de manhã e tal, mas... Acho diferente, fico nervosíssimo, e quando converso fico nervosíssimo. E até nesse estado de entrevista aqui com você fico numa tensão diferente de se eu tivesse um papel pra jogar, aí eu estaria me divertindo...

Eu não sei se eu te avisei, mas, se bem que eu acho que isso não faz a menor diferença, na tese vocês são todos anônimos.

Ah, bom!

Eu acho que esqueci de avisar isso (risos)

Problema nenhum, mesmo porque eu fiz uma coisa que era pra uma tese sobre o Teatro dos Anos 80 e a moça falou justamente o contrário, aliás, nem era tão moça. Tinha teatro ou não tinha teatro? Qual o teatro que teve, e tal. E aí tinha lá “Felipe”... E eu, “nervosíssimo”.

²⁵ Cantora.

²⁶ Carlos Góes e João Lira: ruas vizinhas no bairro do Leblon. Paulo José e Dina Sfat, quando casados, moravam na Rua João Lira.

²⁷ Conhecida loja de Sucos Naturais na Rua Ataulfo de Paiva, no Leblon.

²⁸ Atriz de televisão, cinema e teatro.

²⁹ Humorista e apresentador do Talk-show “Programa do Jô”, na Tv Globo.

³⁰ Felipe refere-se à estréia, em São Paulo, do espetáculo ?????????

Mas nesse caso dessa moça é o contrário, né. Porque se ela faz História do Teatro, ou coisa assim, é claro que os nomes são fundamentais, no meu caso é ao contrário. É meio ridículo, meio irônico até manter vocês no anonimato.

É. E dá um bom gancho, pra tudo, né?

Bom, não é nem uma pergunta. É mais um comentário. Você se lembra quando o gravador cassete começou a ficar uma coisa popular, tinha uma coisa curiosa da gente gravar a própria voz, aí “não, isso não é a minha voz”, ou a secretária eletrônica que se você ligar pra pegar pelo bip seus recados e você ouve seu próprio recado... A gente, às vezes, tem uma sensação de estranheza quando ouve a própria voz ou vê o próprio rosto, como se “isso não sou eu”. Tem isso?

Tem. Se você não está muito claro, tem. Eu achei muito estranho ver tantas vezes o Felipe. Vejo a peça do Felipe e tal. Mas, ver várias vezes o Felipe é estranho. E ver de outras formas, né, porque se for um filme que fica parado como um comercial, é aquilo! Aí você tem uma opinião, é mais complacente, depois não, é mais duro consigo mesmo... Mas ver ir mudando, telenovela, né, 180 capítulos, a própria pessoa vai mudando a cara, tudo vai mudando, oito meses, é meio aflitivo, tem que ter paciência. Eu não acredito que não seja aflitivo, pra qualquer pessoa, ficar se assistindo dessa forma, é aflitivo. E acho que por isso é que tem que ser mais elaborado, porque senão fica sem aflição só na desinibição: “agora estou desinibido”, e não é. “Agora estou trabalhando assim, agora estou trabalhando assado” ... Tem uma coisa mais distante mesmo, olhar lá e se ver jogando. “Bom!”, poder falar isso, “isso é bom, está bem-feito, isso é uma porcaria”, poder falar isso pra ir galgando uma sanidade mental, ter uma opinião sobre alguma coisa, não cair no “agora estou liberto da minha desinibição” e só, ou “estou ainda com ela”, isso é muito rastaquera pra essa profissão, não pode, não significa nada. Como se o analista se perguntasse toda vez se ele tá indo na direção da sanidade ou da doença. Até ele tem que se perguntar toda vez, mas se ele ficar nessa sinuca de bico “agora eu tô ajudando, agora eu tô atrapalhando, será que eu tô ajudando?”, pô, ele não trabalha. Agora o cara tá indo naquela direção e eu vou ajudar o cara a ir! E tem que começar a pensar outras coisas, se é sanidade ou se não é: tem que ir mais adiante disso, mas a primeira pergunta deve ser essa: “será que eu vou entrar no consultório e vou, vou entrar na sanidade ou na doença?”, né, pra quem tem pouca experiência... Tem que ficar no começo, né, no passado, começa da carreira e ir adiante

